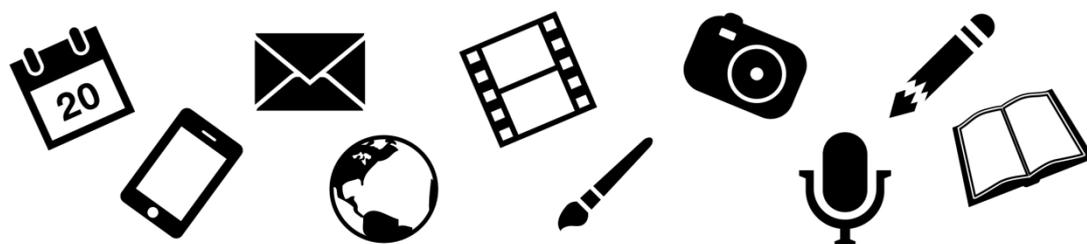




**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agecom
Agência de
Comunicação
da UFSC

03 e 04 de maio de 2014

Diário Catarinense
Serviço
"Oportunidade na UFSC"

Oportunidade na UFSC / Concurso público / Universidade Federal de Santa Catarina

Oportunidade na UFSC
A UFSC abriu concurso público com três vagas técnico-administrativas de nível superior. As oportunidades são para biólogo, médico alergista e médico geneticista. As jornadas são de 20h para médicos e de 40h para biólogo. As inscrições poderão ser feitas até 12 de maio, pelo site segesp.ufsc.br. A taxa é de R\$ 100. Mais informações: <http://clic.sc/ufsc3vagas>.

Notícias do Dia
Ricardinho Machado
"Museus"

Museus / Seminário de Política de Acervos / Auditório / Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC / Política Nacional Setorial de Museus / Museu Victor Meirelles / Associação de Amigos do Museu Victor Meirelles / Coordenação em Museologia da UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina

Museus
Será no auditório do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC, no próximo dia 9, o 2º Seminário de Política de Acervos, com inscrições abertas até segunda-feira. A Política Nacional Setorial de Museus prevê, entre suas diretrizes prioritárias, ações para fomentar e aprofundar teórica e metodologicamente a pesquisa sobre a documentação e os acervos museológicos, além de discutir a implementação de mecanismos de promoção para aquisição, preservação e democratização de acervos. O evento é uma realização do Museu Victor Meirelles, em parceria com a Associação de Amigos do Museu Victor Meirelles e a coordenação em Museologia da UFSC.

Diário Catarinense

Visor

“Concurso na mira do MP”

Concurso na mira do MP / Concurso público / Ministério Público de Santa Catarina / MPSC / Promotor de justiça / Rogério Ponzi Seligman / Fepese / Fundação de Estudos e Pesquisas Socioeconômicas / Universidade Federal de Santa Catarina

Concurso na mira do MP

O Ministério Público de Santa Catarina (MP-SC) solicitou à Fundação de Estudos e Pesquisas Socioeconômicos (Fepese) mais informações sobre os problemas identificados na realização do concurso público para o preenchimento de cargos do quadro de servidores efetivos da instituição. As provas para o concurso foram realizadas em 27 de abril. A Fepese já havia entregue um relatório inicial na quarta-feira, mas o MP pediu dados adicionais com base nas reclamações recebidas pela ouvidoria.

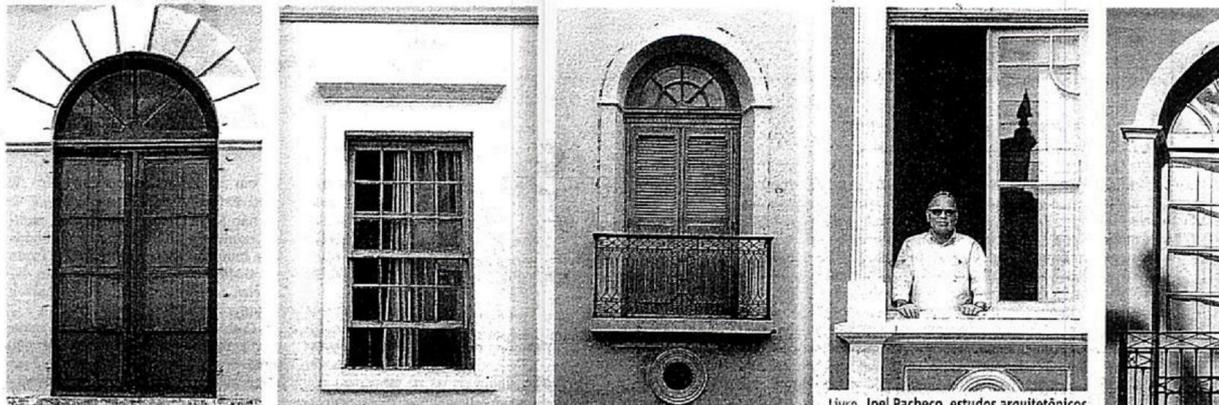


O promotor de Justiça Rogério Ponzi Seligman, que acompanha a realização do concurso, informa que recebeu as primeiras reclamações ainda na segunda-feira e que há a preocupação dos candidatos que se sentiram prejudicados e também dos que fizeram um bom exame e exigem provas concretas sobre o prejuízo ao concurso.

– Sabemos que há uma expectativa por parte dos inscritos e esclarecemos que estamos avaliando detalhadamente as informações que chegam até o Ministério Público, no sentido de protegermos os direitos dos participantes e a lisura do concurso – explica Seligman.

Poesia das janelas / Patrimônio / Exposição na UFSC / Arquitetura colonial luso-brasileira / Fotografias / Janelas Açorianas / Janelas de Portugal e Florianópolis / Historiador e fotógrafo / Joi Cletison / Universidade Federal de Santa Catarina

4/5 PLURAL – NOTÍCIAS DO DIA
FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 3 E 4 DE MAIO DE 2014



Livro. Joel Pacheco, estudos arquitetônicos

Poesia das janelas

Patrimônio. A cidade guarda belo conjunto para ser apreciado de fora e para enxergar o mundo através dele

JULIETE LUNKES
juliete.lunkes@noticiasdodia.com.br

Realizadas ao longo do processo evolutivo das construções no mundo, as janelas surgiram na arquitetura como uma variação da porta, não para o acesso de pessoas, mas do ar, da luz e também dos olhares de quem vive do lado de dentro delas ou de quem passa pelo lado de fora. De simples aberturas instaladas para arejar e iluminar ambientes, a partir do século 19 as janelas passaram a elemento visual essencial das

casas, repletas de ornamentos em massa e com a sofisticada proteção do vidro.

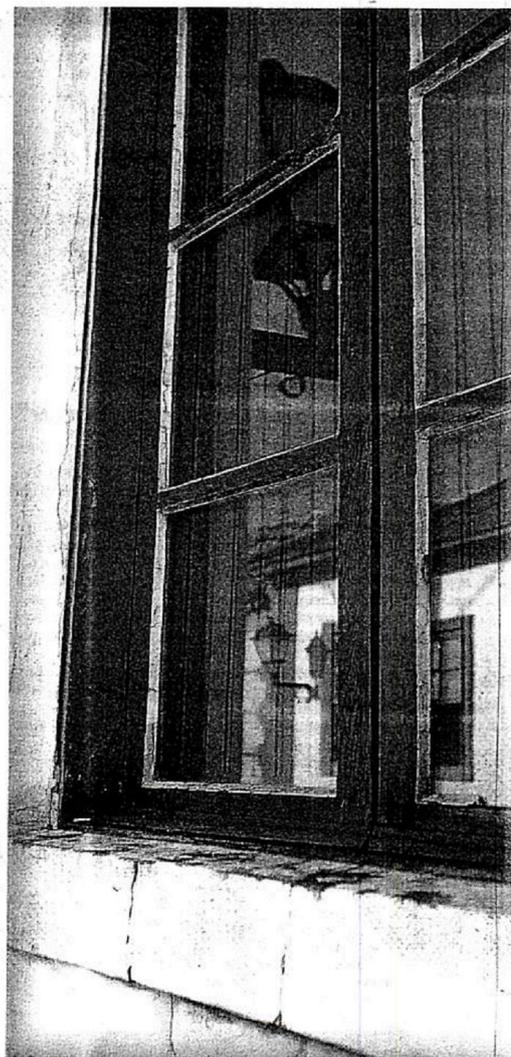
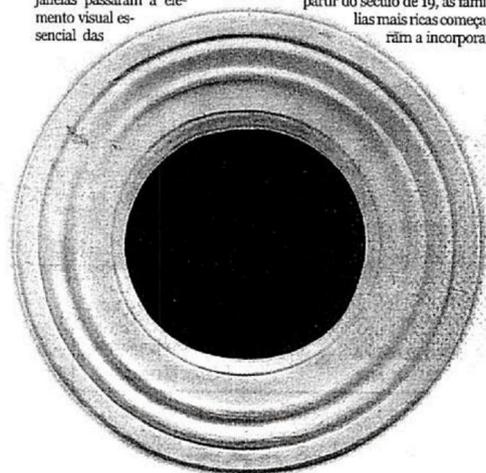
Em Florianópolis, exemplares da arquitetura colonial luso-brasileira até hoje colore a paisagem e são capazes de nos mostrar a evolução que passaram através dos anos.

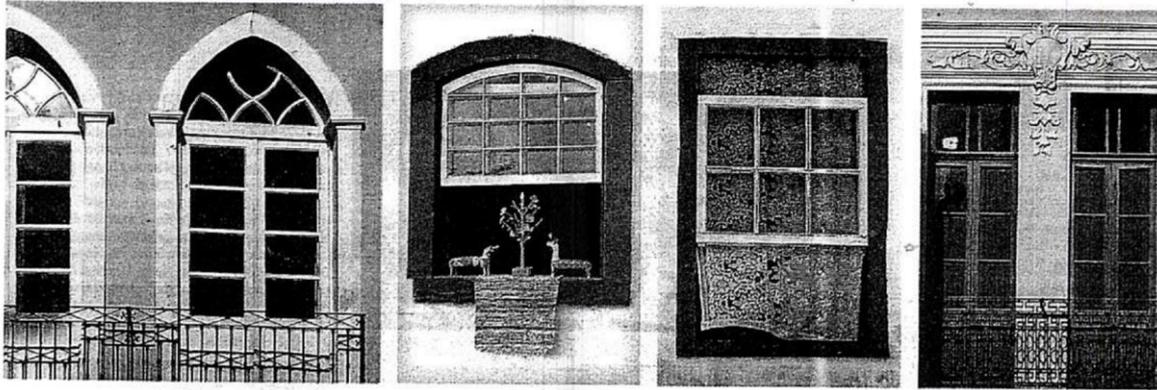
“As janelas das primeiras casas construídas aqui, no século 18, eram bem simples, traziam o formato retangular e não tinham vidro, somente uma abertura em madeira para o lado de dentro. Mais tarde, a partir do século de 19, as famílias mais ricas começaram a incorporar

também o vidro, com fechamento em forma de guilhotina”, explica o arquiteto e fotógrafo Joel Pacheco, que em 2013 lançou um livro retratando detalhes da arquitetura colonial de Florianópolis e dos Açores.

O historiador e também fotógrafo Joi Cletison passou mais de dez anos dicando exemplares de janelas do Arquipélago dos Açores, de Portugal continental e da Ilha de Santa Catarina, e segundo ele, a ornamentação na época tinha muito a ver com o poder que cada família possuía. “Havia uma competição entre as famílias, quando mais posses elas tinham, mais ornamentos, eiras e beiras as casas traziam”, relata.

Ele explica que apesar de a arquitetura de Florianópolis reproduzir o estilo típico dos Açores, ela tem suas particularidades, por questões práticas e ambientais. “Não existe arquitetura açoriana aqui, o termo correto é arquitetura luso-brasileira. O estilo é açoriano, mas aqui ela incorporou características e materiais próprios”. Segundo Joi, um dos elementos incorporados nas janelas brasileiras foi a própria madeira. “Lá se usava sempre a pedra, mas aqui eles perceberam que as pedras que tínhamos eram muito duras para serem usadas nas construções”, revela.





GINNI DWYLLI DOUG

Mais adornos

As janelas de design mais rebuscado ao longo do século 19 foram dominando as casas, deixando de lado as aberturas simples para dar lugar aos contornos em arco, entalhes e ornamentos em massa ao redor das esquadrias, quase sempre de madeira. Nesse período, começou a surgir também outro tipo de abertura, semelhante às atuais sacadas. A parede na parte inferior da janela foi suprimida e deu espaço a um peitoril, marcado por elementos decorativos e às vezes até por falsas balaustradas. "Elas davam

a sensação de você estar na rua, mas ao mesmo tempo protegido", explica Joel. Na época ainda não havia concreto para fazer o piso ficar suspenso como uma varanda, por isso havia apenas poucos centímetros entre o peitoril e a esquadria.

Outro tipo de janela muito popular no período colonial e que permaneceu na moda por décadas é o óculo, uma abertura pequena e redonda, localizada geralmente em um ponto mais alto que uma janela comum, e que muitas vezes sequer abria, sendo utilizada apenas como vitral.



Rotetiro. Historiador e fotógrafo Joel Cletison clicou janelas em Açores, em Portugal continental e em Florianópolis

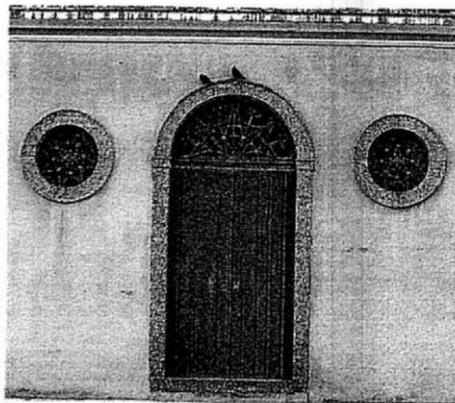
Modificações e evolução

De acordo com Joel, ao longo dos anos as famílias foram promovendo modificações das estruturas originais das janelas de casas antigas, fixando grades por questões de segurança, ou simplesmente trocando as esquadrias por novas, de materiais diferentes.

"Hoje a gente vê muitas misturas nessas casas coloniais, às vezes na mesma há janelas com e sem vidro. Agora, com o tombamento, é possível ter mais controle dessas modificações", observa Joel. Segundo o arquiteto, a preservação das madeiras originais por tantos anos é possível graças a utilização de impermeabilizantes e da ação da própria tinta. "Além disso, a madeira usada na época era muito mais resistente", observa.

No século 20, ela que era predominante nas janelas começou a dividir espaço com outros materiais, como o alumínio. "A arquitetura sempre passou por modismos. Você vê que as construções de hoje já levam janelas enormes, apenas com o vidro. Tudo isso tem a ver com evolução da arquitetura, a descoberta de novos materiais, com maior durabilidade, menor preço e baixa manutenção", pontua Joel.

Para Joel, no ponto de vista de historiador, a dita evolução da arquitetura acabou deixando as cidades e suas construções sem muita personalidade. "Elas foram perdendo a sua identidade. Até meados do século passado você chegava a um lugar e identificava a arquitetura enxaimel, luso-brasileira, agora ela é padronizada, em todo lugar é igual. As janelas foram perdendo sua importância estética", observa.



Cada janela uma mensagem

Após mais de uma década fotografando centenas de exemplares de janelas açorianas e luso-brasileiras, em 2012 Joel Cletison finalmente promoveu uma exposição com o material acumulado. Das centenas de imagens, 20 foram expostas na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) e mais tarde também em Itajaí. Cada uma das fotografias foi impressa em tecido transparente, onde era possível enxergar a janela

em qualquer um dos lados, uma representação da forma como ela pode ser vista de dentro ou de fora.

"Poeticamente a janela é muito interessante. Lá nos açores elas têm uma grande importância, você abre e enxerga um horizonte sem fim. Foi lá que tive a ideia de fotografá-las", lembra. Para ele, cada janela nos traz uma mensagem diferente: a leveza, a paixão, a imponência, a sobriedade, a ternura, a simplicidade e a angústia.



Paisagem. Exemplos da arquitetura colonial luso-brasileira são encontrados por toda a cidade com cores e elementos distintos

Notícias do Dia Economia "Um país de lerdos?"

Um país de lerdos? / Publicação / Revista inglesa / The Economist / Brasil / Improdutivo / FIESC / Carlos Henrique Fonseca / Gestão empresarial / Educação / Professor da UFSC / Silvio Cario / Departamento de Economia e Relações Internacionais da UFSC / Tecnologias / Feriados / Universidade Federal de Santa Catarina

Economia



Indústria. Uma das problemáticas enfrentadas no Brasil é a falta de qualificação, afinal, apenas 53% dos empregados foram além do ensino médio

Brasil vai mal no ranking da educação

Pela continuidade do problema, diminuir as deficiências na área da educação, pelo menos no médio prazo, é vital para o Brasil. O site da CNI dá um panorama da situação: "O Global Competitiveness Report 2012-2013 coloca o Brasil na 118ª posição em termos de qualidade da educação primária, atrás de países como México, Chile, Rússia e Espanha, e 57ª posição no pilar educação superior e treinamento. Em termos de disponibilidade de engenheiros e cientistas, o mesmo relatório avalia que o Brasil está na 113ª posição entre 144 países." Por isso, a proposta da entidade é que a nota média dos brasileiros no Pisa, programa que avalia estudantes de 6ª série, que era de 401 pontos em 2009, chegue a 435 pontos em 2015 e a 480 pontos em 2021.

Para qualificar a mão de obra em Santa Catarina, a Fiesc criou o Movimento de Indústria para Educação, que envolve mais de 1.000 empresas, em várias frentes. Os focos são a qualificação técnica, a recuperação da escolaridade e a inovação. "No Brasil as atenções estão voltadas para o ensino superior, quando seria melhor investir nos cursos médios", conclui Carlos Henrique Fonseca, da área de planejamento e controle de gestão da federação.

Um país de lerdos?

Estatísticas. Publicação inglesa chama os brasileiros de improdutivos, mas o maior problema não está nos trabalhadores

PAULO CLÓVIS SCHMITZ
ps@noticiasulada.com.br
@ps_cv

Narra edição recente, a revista inglesa "The Economist" estatua o Brasil entre o pior dos mundos em relação à qualidade da mão de obra. Chama os brasileiros de improdutivos e fez comparações com outras economias emergentes que nos colocam no chitão em termos de produtividade.

O país do futebol, da goiaba, da malmequice tropical, que tanto fascina os estrangeiros que gostam de sair da linha, e também o lugar em que a educação vai mal, a burocracia atrapalha a produção, a carga tributária é gigantesca e falta segurança jurídica para investir e gerar trabalho e renda. Como um país com tanto potencial e próximo ao pleno emprego está no rabeta quando o assunto é competitividade?

Para os especialistas, não impressiona a informação de que a produtividade no trabalho respondeu por 40% do aumento do PIB (Produto Interno Bruto) no Brasil entre 1990 e

2012, enquanto na Índia o índice foi de 67% e chegou a 94% na China. Não se pode dizer que o brasileiro não trabalha — ele trabalha muito, mas rende pouco. A gênese do problema, para a maioria dos analistas, está na educação. A CNI (Confederação Nacional da Indústria) desenhou um mapa estratégico no ano passado que enumera as ações necessárias para melhorar a produtividade até 2022, e colocou o nível de ensino como o principal vilão do atraso nacional. Aqui, apenas 53% dos trabalhadores no setor têm o ensino médio para cima e 69% das indústrias admitem enfrentar dificuldades para contratar.

Nem uma centena mais paroxifal, o desempenho é razoável. A mesma CNI dá conta de que entre 15 países da América Latina, o Brasil está em 15ª em condições de infraestrutura logística e em 14ª no quesito competitividade e peso tributário. "Sem inovar, a produtividade não cresce", afirma o responsável pela área de planejamento e controle de gestão da Fiesc, Carlos Henrique Ramos Fonseca.

Só a produtividade gera riqueza

A CNI elaborou a Carta da Indústria, que será entregue aos candidatos à presidência da República este ano, e a Fiesc fez o mesmo em Santa Catarina, alertando aos candidatos ao cargo maior do Estado sobre as grandes demandas do setor. Nas duas vezes, citam-se os gargalos de infraestrutura (portos, aeroportos, rodovias em mau estado, redes de abastecimento energético), legislação trabalhista defasada, alto custo de direitos, falta de políticas setoriais e de uma tributação simplificada e transparente. Mas nem só dos governos depende uma saída para tantos desafios. "É preciso melhorar a gestão empresarial, formar talentos globais de saber e acompanhar as mudanças de preferências dos consumidores", ensina Carlos Henrique Fonseca, da Fiesc.

Para o técnico, só a produtividade alta leva à geração de riqueza. Nesse ponto, as empresas também perdem quando contratam mais por intuição do que pelo domínio de tecnologias que o fundador pode ter, o que poderia agregar valor a uma contratação. Para fazer o cálculo, os especialistas dividem o PIB pelo número de empregados na indústria. Uma prova de desabracem está num levantamento do Ministério do Trabalho e Emprego mostrando que, entre os países que recebem até um salário mínimo, 85,7% não concluíram o ensino fundamental. E são pessoas que não concluíram o nível médio as que trabalham mais tempo — 45 horas por semana — e que, por isso, encontram mais dificuldades para se reeducar e qualificar.

Professor questiona critérios da revista

Para o professor Silvio Cario, do departamento de Economia e Relações Internacionais da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), o baixo nível de produtividade do trabalho decorre, entre outros fatores, do nível tecnológico que as empresas brasileiras apresentam. Dentro de um mesmo setor industrial, há empresas avançadas, enquanto a maioria apresenta obsolescência tecnológica.

No caso da reportagem da revista "The Economist", o equívoco estaria na análise voltada apenas para o desempenho do trabalhador. Além da responsabilidade do empresário de estimular o parque produtivo, é preciso pensar na infraestrutura do país, em melhorias nos estados, nos portos, nos aeroportos, nas fontes de energia e nas comunicações. "Constitui uma postura conservadora e discriminatória considerar a baixa produtividade brasileira a pouco comprometido do trabalhador com o trabalho", diz Cario.

Há que considerar também que o processo de desenvolvimento brasileiro ocorre tardiamente em relação aos países desenvolvidos. "Os países desenvolvidos foram impondo condições que contribuíam para o nosso atraso", ressalta o professor. Além disso, a distribuição territorial do Brasil requer esforços além do que fariam muitas nações desenvolvidas.

Sobre a proposta de reduzir o número de feriados, Cario afirma que "há que se encontrar uma fórmula para os dias comemorativos que não implique no processo produtivo." Ele promete, diz ele, deve ser decidido com a participação dos trabalhadores.

O bronze de que são feitos nossos heróis / Intervenção artística / ERRO Grupo / Praça XV / Estátua / Eike Batista / Pedestal / Busto do pintor / Victor Meirelles / Professor da UFSC / Direção teatral / Curso de Artes Cênicas / Universidade Federal de Santa Catarina

Cultura

DIÁRIO CATARINENSE

SÁBADO, 3 DE MAIO DE 2014

> Edição: Marcos Espindola > (48) 3216-3591

> E-mail: variedades@diario.com.br

> Diagramação: Ana Sofia C. de Oliveira

O bronze de que são feitos nossos heróis

Intervenção artística do ERRO Grupo investe na discussão sobre a arbitrariedade da construção da memória pública

POR FABIO SALVATTI *

O que faz de um herói um herói, digno de nome de rua, estátua, feriado nacional? Que pessoas ou instituições têm o poder de elevar a imagem ou o nome de um cidadão ordinário ao panteão dos ilustres imortalizados pelo que chamamos de História? Como as memórias esculpidas em bronze passam e ter menos valor do que a venda do material por si?

Em agosto do ano passado, todos lembramos, o roubo dos bustos da Praça XV foi notado apenas duas semanas após o ocorrido. À indignação com o roubo somou-se a estupefação coletiva pela demora na percepção do sumiço das estátuas. Cabe perguntar: mas o que significa “notar”? Será que para que algo seja “notado” é necessária sua impressão nas páginas dos jornais (ou em um blog de algum portal, hoje em dia muito mais ágil)?

Recentemente, as estátuas da Praça XV voltaram a ser notícia, e novamente com um atraso de duas semanas. No dia 28 de março, como presente de aniversário para Florianópolis (atrasado, notem vocês), o ERRO Grupo ofereceu à cidade a obra *Bustox*, um busto de cerâmica esmaltada que passou a ocupar o pedestal antes reservado a Victor Meirelles, o pintor oficial do Brasil Imperial. Pelo visto isto não foi digno de nota, pelo menos não antes de algum jornalista perceber a semelhança entre o semblante da nova estátua com o do ex-megaempresário Eike Batista. A partir do dia 10 de abril, no entanto, diferentes veículos da imprensa nacional “notaram” a instalação da escultura se destacando em sua pauta. Procurado, o ERRO Grupo não confirmou nem desmentiu a homenagem a Eike.

Lembro de um amigo ter me dito uma vez que Eike Batista tinha “a melhor apresentação em Powerpoint do mundo”, em referência ao caráter,

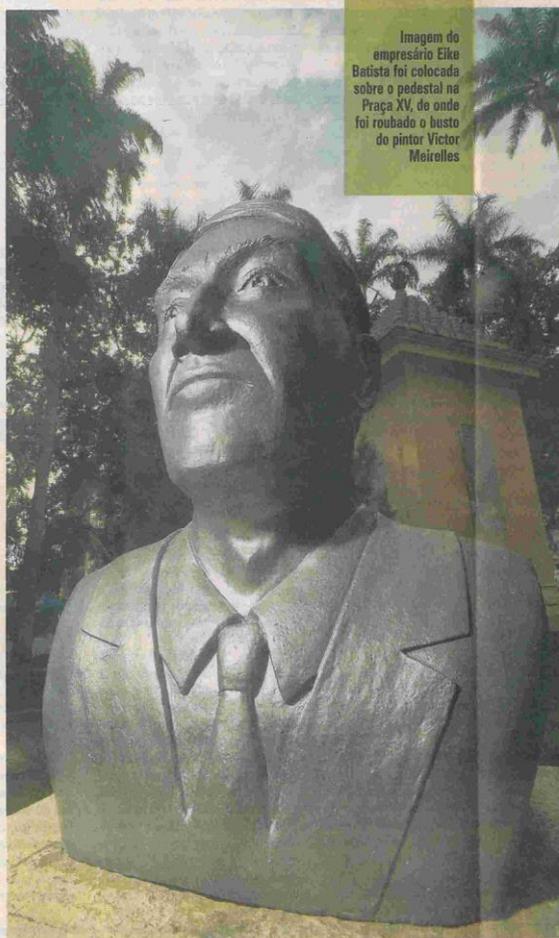


Imagem do empresário Eike Batista foi colocada sobre o pedestal na Praça XV, de onde foi roubado o busto do pintor Victor Meirelles

digamos, étéreo de seus empreendimentos se comparados ao volume de investimentos que conseguiram atrair. Falastrão, consciente da importância da manipulação de sua imagem nos veículos de comunicação, Eike concedeu uma entrevista à *Folha de S. Paulo* em outubro de 2012. Premonitório, afirmava “alguém vai ter que fazer uma estátua pra mim em algum lugar”. Na época, o patrimônio de Eike já tinha caído de US\$ 34 bilhões para US\$ 20 bilhões. De acordo com a agência Bloomberg, hoje o patrimônio líquido do empresário é negativo.

Ao colocar o busto de Eike Batista na Praça XV, o ERRO Grupo investe radicalmente na discussão sobre a arbitrariedade da construção da memória pública. Primeiro, denuncia a falta de zelo e o descaso da prefeitura para com as estátuas antes ali instaladas. Segundo, questiona a legitimidade da ocupação dos pedestais por aquelas figuras históricas (afinal, por que eles e não o Eike?). Terceiro, joga luz sobre o processo de formação das personalidades contemporâneas. Em tempos de celebridades e subcelebridades construídas e descartadas em ritmo diário, qual melhor expoente do que um empresário com ascensão e derrocada meteórica?

E por último, talvez a melhor provocação do ERRO: por ser um grupo relevante de artistas da cidade, contemplado com recursos públicos para a realização da obra, a prefeitura de Florianópolis não pode simplesmente destruir ou descartar a obra “cuidadosamente produzida e carinhosamente doada a nossa cidade” (trecho da declaração de doação emitida pelo grupo). *Bustox* deverá permanecer como um fantasma a assombrar a administração pública de políticas culturais insuficientes e a produção artística orientada pela sociedade do espetáculo.

* É diretor teatral e professor de direção teatral do curso em Artes Cênicas da UFSC.

Virada de mesa para o luxo e a competitividade / Entrevista / Superintendente / Irineu Weihermann / Graduado pela UFSC / Curso de Ciências da Computação / Pesquisador / Laboratório Grucad de Engenharia Elétrica da UFSC / Professores / Renato Carlson / João Pedro bastos / Nelson Dadowski / Trajetória da Oxford / Eggon João da Silva / WEG / Universidade Federal de Santa Catarina

30

DIÁRIO CATARINENSE, DOMINGO, 4 DE MAIO DE 2014

Estela BENETTI

diario.com.br

Quar mais informações? Acesse www.diario.com.br e acompanhe as notícias da economia.

(48) 3216-3557

estelabetti@diario.com.br

Virada de mesa para o luxo e a competitividade



“Começamos a fazer um link das linhas de porcelanas com as tendências de moda em confecções e automóveis”

Quanto a Oxford projeta crescer em 2014?
Weihermann – Futuramente R\$ 170 milhões ano passado e projetamos crescer, este ano, cerca de 40%, superando R\$ 200 milhões. Esse avanço será possível porque entrou em vigor este ano a barreira antidumping contra a China, obtida pela defesa comercial brasileira. Em 2013, crescemos 12% frente ao ano anterior. Empregamos 1,7 mil pessoas e, com a ampliação, abriremos mais 400 vagas.

A Oxford, de São Bento do Sul, virou a mesa, literalmente, nas duas últimas décadas e chegou aos 60 anos mais avançada do que nunca. A empresa que exportava cerâmica de mesa barata se voltou ao mercado interno no final dos anos de 1990. Em 2003, foi comprada por Eggon João da Silva, da WEG, apostou no marketing e na inovação, entrou no mercado de luxo e está investindo alto. Quem fala sobre essa transformação é o diretor superintendente da companhia, Irineu Weihermann.

Como foi a trajetória da Oxford até os anos de 1990 e a troca de acionistas?
Irineu Weihermann – A Oxford completou 60 anos em 26 de novembro do ano passado. Na maior parte dessa trajetória produziu cerâmicas de mesa de baixo valor agregado. Nas décadas de 1980 e 1990, quando o dólar era favorável, foi mais exportadora, vendida para cerca de 80 países. Com a valorização do real, no final dos anos de 1990, passou a atuar mais no mercado interno. Em 2003, a família de Otair Becker, que detinha o controle acionário, vendeu para Eggon João da Silva, da WEG. A partir daí, passou a investir mais forte em marketing. De 2003 até agora crescemos 5 vezes no Brasil.

E a virada para o luxo como foi?
Weihermann – No final de 2008, resolvemos entrar no segmento de porcelanas. Mudamos a razão social da empresa para Oxford Porcelanas. Hoje somos líderes nacionais em porcelana e cerâmica de mesa. Esse mercado demandou uma reestruturação do setor de design da companhia. Contratamos um designer para o trabalho interno e começamos a fazer um link das linhas de porcelanas com as tendências de moda em confecções e automóveis.

Qual foi o impacto do trabalho do designer Karim Rashid?
Weihermann – Em 2012, firmamos um contrato com Karim Rashid, referência mundial em criatividade. Ele é natural do Egito, mas mora nos EUA e tem atuação forte na Europa e América do Norte. Ele criou uma coleção de porcelanas para a Oxford com novas formas e estampas que foi muito aceita pelo mercado. Ano passado, ela representou 2% das nossas vendas.

Nosso contrato com ele é de uma coleção por ano. Estamos começando a trabalhar a que vamos lançar em março de 2015.

Como está o plano de expansão da matriz da empresa, em São Bento?
Weihermann – O prédio permitiu expansão da produção. Investimos R\$ 13 milhões em máquinas e ampliamos a capacidade de produção de 30 milhões de peças por ano para 45 milhões. Estamos concluindo a implantação este mês e isso nos dará condições para crescer no Brasil e no exterior, onde abrimos, hoje, cerca de 7% da receita total.

É a nova fábrica no Espírito Santo?
Weihermann – Vislumbrando maior crescimento do consumo no país, especialmente das classes C e D, decidimos ampliar mais a produção com uma fábrica em São Mateus, no Norte do Espírito Santo. Buscávamos oferta de gás natural e encontramos naquela região que tem, também, incentivos da Sudene. Estamos investindo R\$ 80 milhões. A primeira etapa será para 15 milhões de peças. A segunda, mais 15 milhões. O início da produção está previsto para daqui a um ano e meio.

Vocês diversificaram com cristais. Como vai esse segmento?
Weihermann – Como todo o fabricante de porcelanas no mundo, também aderimos à produção de cristais. Em 2011, compramos uma fábrica de cristais artesanais em Pomerode que produz em torno de 30 mil peças por mês. É um cristal puro, feito manualmente, de alto valor. Com outros fabricantes de SC estamos negociando com o Ministério do Desenvolvimento a denominação de origem Vale Europeu, para nos diferenciar.



Na terra natal

Irineu Weihermann, 51 anos, graduado em Ciências da Computação pela UFSC, atuou como programador da Celes logo que se formou. Depois, foi pesquisador do Laboratório Grucad, de Engenharia Elétrica da universidade, trabalhando com os professores Renato Carlson, João Pedro Bastos e Nelson Dadowski, participação que foi marcante na sua carreira. A próxima etapa foi o retorno à terra natal, São Bento do Sul, onde ingressou na Oxford e trabalha até hoje, por 26 anos, tendo passado por diversos setores antes de chegar à superintendência. É casado com Magri Weihermann, com quem tem duas filhas, Paula e Carolina (D).